

**FORTE
DE
AREIA**



HELENA GRILLO MIRANDA

FORTE
DE
AREIA

LIVRO II - ESPADAS E PISTOLAS



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Helena Grillo Miranda, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Raquel Escobar

REVISÃO DE TEXTO
Jadna Alana

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Miranda, Helena Grillo.
Forte de Areia / Helena Grillo Miranda. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-50-2

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Dedicado a todas as jovens que só têm como companhia um fone de ouvido. Solte sua voz para que ela ecoe através do tempo.

NOTA DA AUTORA

Alguns dados históricos foram adaptados neste e nos demais livros da série *Espadas e Pistolas*. Porém, o único objetivo desta literatura é entreter. Caso queira estudar os fatos históricos do século XVIII, recomendo pesquisas em outros veículos de cunho educacional.



SEPTEMBER

EARTH, WIND & FIRE



– Como assim você não tem celular?

Mônica revirou os olhos e respirou fundo. Ouvia essa pergunta umas dez vezes por dia, mas era a primeira vez que um professor a fazia. *Seja paciente*, mentalizou.

– Meu pai não permite...

– Isso deveria ajudá-la a ter mais foco nas aulas, mas, ainda assim, você não presta atenção. E, já que não pode enviar o trabalho por e-mail, imprima ou escreva à mão e me traga na segunda-feira.

– Sim, senhor.

Virou as costas e saiu ao encontro de Dominick, que se escorava na porta.

Dominick sempre foi a sua melhor amiga – na verdade, era a única que tinha desde o jardim de infância. Ela tinha a pele cor de avelã e olhos agitados, além de um longo cabelo cacheado, igual ao de Mônica, a diferença era que o de Dominick era preto como a noite, e o dela, vermelho como o fogo. As duas faziam o mesmo caminho, já que moravam a duas quadras de distância.

– Não sei como gosta tanto desses livros – Mônica repetiu o assunto de sempre. – Não são objetivos e a maioria dos problemas poderiam ser resolvidos em cinco minutos de conversa.

Dessa vez, foi Dominick quem revirou os olhos.

– Olhe só quem fala, você sempre leva um da biblioteca para casa!

– São para a minha irmã... – Mônica foi diminuindo a voz.

– Sua irmã, sei. Já falei para você conversar com a minha mãe, ela é psicóloga infantil, não vai julgar. Todo mundo sabe que essa tal de Marina deve ser uma personalidade sua.

O motivo para ninguém mais ter interesse na amizade de Mônica, além de Dominick, era justamente porque todos a consideravam “louca” desde a primeira série, quando ela chorava por todos os cantos pedindo que ajudassem a “irmã”, que era cobaia das experiências do pai. Agora já pré-adolescente, ninguém mais acreditava nela. Na época, o pai até levava alguns responsáveis do colégio à sua casa e escondera a redoma onde Marina ficava, provando que a filha era “problemática” e, nas palavras dele, “só queria chamar atenção”.

Mônica só tinha três confortos na vida: música, Marina e a família de Dominick.

Percebendo que não teria o apoio da amiga e ainda não estava junto da irmã, pegou o *discman*, colocou os fones e começou a curtir ao som de *Earth, Wind & Fire*. Dominick suspirou. Era sempre assim quando Mônica queria fugir de um assunto. Começou a estalar os dedos e puxou Dominick para dançar ali mesmo, no meio da calçada. Ela só riu e embarcou na graça.

Mônica se empolgou tanto que subiu em um banco e depois pulou em direção ao poste, girando seu corpo com o apoio da mão. Essa alegria foi esfriando à medida que se aproximava de casa. *Se não fosse por Marina, eu já teria fugido sozinha, mas não posso deixá-la. Preciso protegê-la, custe o que custar.*

Despediu-se da melhor amiga e encarou a porta. Suspirou, como fazia todos os dias, e entrou. Colocou os fones na caixa de

plástico antes de passar pelo detector de metais que ficava no corredor. Ele não apitou. Olhou de relance para o laboratório e para a redoma antes de ir para o quarto. Marina estava tão magra e agora careca. Fechou a mão com tanta raiva que as unhas rasgaram a pele. Odiava ver a irmã naquele estado.

Já pensara em matar o pai algumas vezes, mas sabia que a irmã passaria a vê-la como um monstro, além da possibilidade de serem enviadas para orfanatos diferentes. O pai dizia amar Mônica como filha, culpando Marina pela morte da mãe no parto, pois não esperava que fossem gêmeas. Mas Mônica não recebia praticamente nenhuma atenção. Ele só sabia falar sobre loucuras a respeito de uma máquina do tempo. Suspirou ao entrar no seu quarto; era pequeno, mas seria ridículo reclamar comparado com o que a irmã dormia. Seu companheiro de sempre, o teclado, estava empoeirado. Pegou a flanela do chão e passou de leve, como quem faz um carinho em um cachorro.

Aquele era o único objeto “digital” que tinha além da tv. Plugou os fones nele e começou uma melodia triste. As lágrimas vieram com facilidade, o choro silencioso tinha se tornado sua especialidade. Depois, jogou-se no colchão meio rasgado e já afundado, pôs os fones de ouvido no *discman*, procurando fugir dali, mesmo em pensamentos.

Pensou no croissant frio e no livro *A sala dos répteis*, de Lemony Snicket, que estavam na mochila e entregaria para Marina assim que anoitecesse. Seu humor melhorou um pouco ao pensar na animação da irmã ao receber a continuação de *Desventuras em série* e comer uma comida minimamente decente. Como irmã mais velha, pelo menos por alguns segundos, sentia-se responsável por Marina.

Percebeu que parecia que conseguira o *discman* no dia anterior, mas já fazia alguns anos. O pai raramente saía com ela, então, se Mônica

nica precisasse de algo, ele dava um bolo de notas e pedia para não o incomodar. As roupas estavam pequenas, então fora ao shopping comprar novas, mas toda vez que via o dinheiro se sentia enojada.

Parara em frente a uma vitrine e sentira o impulso de jogar o dinheiro fora e continuar usando trapos. Ao sair do shopping sem nenhuma compra, vira um morador de rua brincando com um filhote de cachorro. Aquele valor poderia servir para algo realmente bom, pensara. Timidamente, pegara o bolo de notas e estendera ao senhor, soltando um “boa noite” quase inaudível. Ele a encarara e depois fitara o dinheiro.

– Mocinha, tem certeza disso? É muito. Onde estão seus pais?
– Ela negara com a cabeça, triste, e continuara com a mão estendida. – Ok. – Ele sorrira, pegara o dinheiro e bagunçara o cabelo dela. – Mas só aceito em troca de algo... Deixe eu ver...

O senhor pegara uma caixa de sapato atrás da lata de lixo e, de dentro, um *discman* amarelo e bem sujo.

– Não posso aceitar... – ela havia dito, sem saber ao certo o que era, mas com curiosidade.

– Então não fico com o dinheiro... – Ela pegara o *discman* como se fosse um recém-nascido, com cuidado e olhando com atenção. – Ele é mágico, sabia? Aqui dentro vão os CD’s e aqui as pilhas. Desculpe, mas perdi os fones. Mas, quando colocar tudo, vai ouvir todas as músicas que quiser!

Ela sorrira. A primeira vez em muito tempo.

– Obrigada!

A menina apertara a mão do homem e fora embora.

As crianças da escola tinham seus celulares modernos, mas ela aprendera algo importante naquele dia. Havia pessoas boas no mundo, se ela procurasse direito.

Depois disso, foi só limpar o aparelho, comprar algumas pilhas e um fone com o troco do mercado. Os CD's ela foi mixando em lan houses, até fazer um compilado que acreditava ser perfeito e que ouvia naquele momento.

Tirou os fones e guardou no bolso junto com o *discman* e algumas pilhas novas assim que ouviu um grito do pai. Correu com medo do que poderia ter acontecido com Marina e a encontrou deitada em um caixão.

Por um milissegundo, o tempo parou. Mônica perdeu o resto da paciência com o pai. Não toleraria mais nenhum dia daquela barbárie. Aproveitou a distração e o empurrou para trás, usando de toda a sua força. Agarrou na mão de Marina para que corressem para longe o mais rápido possível.

Só que foi naquele momento que uma grande luz roxa, seguida de um estrondo, separou as duas.

Sentiu uma tontura e, então, desmaiou.